



# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

## A SOCIEDADE MARTINS SARMENTO E A GALIZA.

SIMÕES, Joaquim António Santos

Ano: 1996 | Número: 106

---

### Como citar este documento:

SIMÕES, Joaquim António Santos, A Sociedade Martins Sarmiento e a Galiza. *Revista de Guimarães*, 106 Jan.-Dez. 1996, p. 319-332.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51  
4800-432 Guimarães  
E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.  
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



**casadesarmiento**

centro de estudos do património

## A Sociedade Martins Sarmiento e a Galiza

J. Santos Simões

Revista de Guimarães, n.º 106, 1996, pp. 319-332

Ai ondas, que eu vim veer,  
se me saberedes dizer  
porque tarda meu amigo sem mim?  
Ai ondas, que eu vim mirar,  
se me saberedes contar  
porque tarda meu amigo sem mim?

Martim Codax

Neste marulhar pressente-se a sedução desta terra da Galiza a que Guimarães está ligada por profunda relação afectiva, devido a uma ilustre galega, a condessa Mumadona, ter transformado o casal ou quinta, designada por Villa, em centro de grande importância, através do Mosteiro que ela funda e do Castelo que manda construir.

Mil anos depois, um homem, Francisco Martins Sarmiento, começa a devassar aquém e além Minho o que teria sido a origem comum dos povos do Noroeste Peninsular: *As minhas escavações – escreve Martins Sarmiento – tinham por único fim procurar elementos que me guiassem mais seguramente que os livros no problema das nossas origens étnicas, eu nunca pretendi as honras de arqueólogo.*

De uma forma não se pode considerar obviamente rígida, a actividade intelectual de Sarmiento pode balizar-se do seguinte modo: literária, de 1885 a 1860; estudos sociológicos e investigação fotográfica de 1860 a 1875; 1875 a 1899, data da sua morte, arqueologia.

Datam dos anos de 1880 e 1881 as suas duas conhecidas incursões na Galiza, ainda não tinha sido fundada a Sociedade Martins Sarmiento [SMS] (Novembro de 1881).

De facto, de 28 a 30 de Julho do primeiro daqueles anos, Sarmento viajou em carro de aluguer, puxado por cavalos, visitando Tui e a ria de Vigo.

Dos seus cadernos manuscritos constam não só as suas impressões como as informações que colheu geralmente junto de pessoas sem qualquer preparação para as dar com correcção.

São notas escritas sem preocupações literárias, resultantes de uma primeira impressão que não permitia delongas de observação.

A respeito de Tui escreve: *A velha Tyde ocupava, sem dúvida nenhuma o mesmo local da moderna Tui. Por isso não é possível procurar-lhe a fisionomia velha. O velho morreu debaixo do novo. Pena é. As ruínas de Tyde eram-me bem importantes.*

*A posição era excelente – um monte abrupto, quase de todas as partes.*

Como realizou a viagem para a ria dirigindo-se a Redondela, não é de estranhar que tenha escrito:

*Vicus Spacorum – A ria de Vigo é, por fim, contra o que eu imaginava, um grande braço de mar que entra pela terra dentro, pela extensão de 7 léguas, até Pontevedra. Começa a ver-se a ria, perto de Redondela. (...)*

*A antiga Vicus Spacorum ficava inegavelmente no monte onde é o “Castillo del Castro”, o ponto mais eminente. (...) O monte era elevado. Há mais que um talude cobrindo as antigas muralhas, e nos cortes feitos pelo trânsito também se vêem ainda pedras que pertenciam aos muros. Cacaria é uma enorme abundância. Vi fragmentos de ânforas e de telha romana.*

*A Baía de Baiona tem do sul o Cabo Cillero, que nenhuma proeminência tem sobre o mar, ou quase nenhuma, porque forma com o resto da costa uma linha quase recta. (...)*

*Baiona é uma pequena terra com fisionomia de aldeia, sem sinal de comércio. O melhor edifício é um velho convento de freiras dominicas e a matriz. À beira da baía há a capela de Santa Marta, que de longe me pareceu muito antiga. A porta travessa é do género da de S. Miguel do Castelo.*

E mais adiante, já de regresso a Portugal:

*De Baiona até à Guardia, a estrada corre entre o mar e montes em talude abrupto. É um deserto. Chegando porém à Guardia vão aparecendo alguns campos, um ou outro curso de água, pequenas freguesias com pequenas igrejas, salvo o da Oia onde havia um convento de frades, com uma torre*

*não feia e alta, que um raio, decerto, destruiu no corucheu e ângulo da balaustrada superior. Nenhum monte indica castro, a não ser o último, o Tecla. Debalde espreeitei as Chãs para descobrir uma mamoa.*

Sarmiento ficou de facto atraído pelo monte de Santa Tecla mas só no ano seguinte, exactamente em 13 de Setembro de 1881, pôde fazer a apetecida visita que anotou no seu diário:

**Monte de Santa Tecla** (Galiza) – *Evidentemente um monte muito fortificado, pois que se vêem ainda lanços de muralha, a descoberto, e taludes indicadores de outras ordens. Fragmentos de barro muito abundantes, encontra-se terra de rebordo. O Hércules aí aparecido, que vi é dum trabalho nada rude. Tem o cabelo cingido por uma fita; na mão esquerda duas cousas que podem ser pomos. (...)*

Refere-se, em seguida, a *Salzido* e às suas carpideiras e ainda ao *Monte Terroso* e *Castros de Pintães* e descreve com pormenor a região *Cruz do Castro* e também o *Picoto dos Mouros*.

São algumas das impressões registadas por Martins Sarmiento há cerca de 113 anos na região onde nos encontramos.

Constituem também um quadro de referência em relação à situação actual.

Se tudo quanto se escreveu é anterior à criação da SMS, vale como documento das preocupações do Sábio investigador que a partir de 1875 desenterrou essa jóia da nossa arqueologia, que é a Citânia de Briteiros, para logo em 1877 organizar a Primeira Conferência Arqueológica de Portugal, em Guimarães, onde estiveram presentes os notáveis investigadores portugueses.

Em 1880 a Citânia é visitada por alguns dos mais notáveis arqueólogos europeus e o prestígio de Sarmiento rapidamente galga fronteiras.

Foi o deslumbramento para as gentes vimaranenses que resolveram homenagear em vida tão notável homem da ciência, não com um busto ou nome numa rua, mas fundando uma Sociedade que ostentasse o seu prestigiado nome, e que tivesse como preocupação promover a instrução popular no Concelho de Guimarães.

Mais tarde, com a doação feita por Sarmiento de todos os achados arqueológicos ao Museu da Sociedade e depois com a oferta da sua rica biblioteca e a doação de todos os seus bens, foram criadas condições de prestígio e de sobrevivência plena para a Instituição.

No princípio deste Século e já com Sede digna do nome do patrono, passou a ostentar na fachada principal a trilogia das preocupações por que então se norteava: arqueologia, etnografia e história.

Também por isto, não causa estranheza que, desde 1928, a *Revista de Guimarães* (fundada em 1884) passasse a incluir com certa regularidade colaborações de investigadores nos domínios da arqueologia, etnografia, antropologia e museologia.

Referirei sucintamente as colaborações e colaboradores registados.

No que respeita à arqueologia, datam de 1942, e a primeira é devida a Fermin Bouza Brey que trata o tema *Una ceca sueva desconocida en la diócesis de Portucale*, vindo mais tarde a abordar *Ara romana de Santa Maria do Condado (Ourense)* e, depois, *Inexistencia del "Carioceco" supuesto tópico de Marte*.

Segue-se-lhe, em 1945, Jesus Taboada, com *Via romana del Valle del Tâmega* e, mais tarde colaboraria ainda com os seguintes temas: *Epigrafia romana da região espanhola do Tâmega* e *Noticias sobre da Cidá do Castro* juntamente com Florentino Lopez Cuevillas.

Em 1948, Sellés Paes Villas-Boas colabora com *Notas de Museologia* e, no mesmo ano, Cuevillas, agora em colaboração com Joaquim Loré Fernandez, apresenta *Notas arqueológicas do castro de Cameixa*.

Em 1951, Ramón Sobriño Lourenzo-Rua escreve sobre *Petróglifos e labirintos*, em 1953, sobre *Los motivos de laberintos y su influencia en los petróglifos gallego-atlanticos* e, depois, em 1956, desenvolve um *Ensayo de datacion de los laberintos grabados europeos tipo Tagliatella*. Ainda neste ano, o já referido Joaquim Lourenzo Fernandez, agora em colaboração com Rúben Garcia Alvarez, apresenta *As Xoias de Regodeigón* e o primeiro deste investigadores escreve, também, sobre *Cerâmicas Castrexas pintadas*; Francisco Conde-Valvis Fernandez colabora, em 1959, com *Dos villas romanas de la Cibdá de Armea, en Santa Mariña de Aguas Santas* e, em 1964, José Maria Luengo y Martinez escreve sobre *Machadinha votiva de Cariño (La Coruña)* e, neste ano, Francisco Valles Villamarin interroga-se acerca de *Um ídolo céltico?* Encontrado no termo municipal de Paderne.

Manuel Nuñez Rodriguez aborda, em 1979 e 1986, respectivamente, *Inscripciones de la Galicia Altomedieval* e *Aproximacion al estudio de las formas ornamentales en Galicia durante la epoca visigoda*.

Finalmente, José Vidal Rodríguez escreve, em 1984, sobre *El yacimiento de O Portiño* e estuda *Um crómelech en Terra Chá*.

Qualitativa e quantitativamente considerado, verifica-se que há um conjunto notável de colaborações.

Uma maior regularidade na publicação da Revista de Guimarães e uma maior difusão (se possível) da mesma em centros de investigação da Galiza tornarão mais frequentes as sempre desejadas colaborações.

No que respeita à etnografia, literatura e história, outros investigadores galegos quiseram colaborar na nossa Revista e, seguindo a mesma ordem cronológica, refira-se que a mais antiga se reporta a 1928 e é devida a Fermin Bouza Brey e Florentino Lopez Cuevillas: *Paralelos galegos a unha práctica popular trasmontana*.

Com este trabalho, os autores procuraram corresponder amavelmente à forma como foram recebidos em Guimarães por Alberto Vieira Braga. Logo no início referem que *A semellanza das tradizóns galegas – e do folklore em gêral – cas portuguesas trócase en identidade cando elas son espremidas nas terras miñotas ou nas trasmontanas*.

E abordam, por exemplo, o significado do virar uma telha na Galiza e no Minho/Trás-os-Montes.

Verifica-se uma diferença de finalidade: No Norte de Portugal (caso de Moncorvo) procura-se um efeito profilático, curativo; na Galiza é simplesmente meteorológico.

E quanto ao primeiro caso, ilustram a superstição com a quadra:

*As telhas do teu telhado,  
são vermelhas, têm virtude:  
passei por elas doente,  
logo me deram saúde.*

Em 1933, Vicente Risco colabora na miscelânea de estudos incluída no livro *Homenagem a Martins Sarmiento* na passagem do primeiro centenário do nascimento do Sábio.

O seu ensaio, *Notas en col do culto do lume na Galiza*, é precedido de breve introdução que justifica por si só a importância do trabalho: *Teño o convencimento de que, salvo as particularidades, e salvo unha mais estreita concomitância co complexo etnográfico a que temos de chamar fondo común de creenzas e d'usanzas dos pobos do Centro e do Ocidente da Europa; que tal fondo común de creenzas e usanzas tem um caracte essencialmente agrario, e qu'a sua orixe non vai probabelmente mais alén dos tempos neolítecos.*

*O que pode enxerguer nos rastros qu'imos recoller do culto do lume, pol-o menos, semella confirmar esta hipótese.*

Em 1946 surgem duas colaborações de Antonio Fraguas Fraguas: *Dous romances de Galicia* e *El garotiño*.

Na primeira, oferece-nos o *Romance de Xuliana* (incompleto) e *A Morte da Namorada*. Os dois romances tinham a mesma música que unicamente variava com o grupo de raparigas que o cantava, dando-lhe mais ou menos melodia sempre acompanhada do monótono golpear da pandeireta com compasso de mazurca.

Em *El garotiño* o Autor explora o sentido da palavra garoto e do verbo engarotar.

Ilustra o trabalho com coplas do cancionero de Loureiro e outros.

Mais de dez anos depois, em 1957, aquele que viria a ser o Director do Museo do Pobo Galego escreveu *Aportacion al estudio folklórico del castaño, la castaña y el magosto*.

É fácil adivinhar o texto sedutor e autêntico que a pena ágil e a observação atenta de Anton Fraguas Fraguas traduziu com amor (como sempre):

*Namoreime da castaña  
namoreime do ourizo  
mamoreime de ti, nena,  
porque tes o pelo rizo.*

Em 1948, Jesus Taboada trata uma tese com interesse para os portugueses: o lusitano-galeguismo de Tirso de Molina, percorrendo sobre o tema "Del Jardin de Tirso – Glosas y aspectos do *La gallega Mari-Hernández*".

Toca-nos parte de *La Gallega Mari-Hernández* já que as quatro primeiras cenas do I Acto se desenrolam em Chaves.

O mesmo investigador, cronista oficial de Verin, debruça-se, noutro trabalho, sobre *A Alta Idade Média na região superior do Tâmega*. Traça de forma precisa e concisa a história daquela região desde 462 e a invasão bárbara, até ao século XII.

Depois de verificarmos que este colaborador da Revista já abordou temas de arqueologia, não surpreende a sua incursão em tema onde arqueologia e etnografia se cruzam: *O culto da Lua no Noroeste Hispanico*.

Rubén Garcia Alvarez colabora em 1952 e 1954 com trabalhos de investigação histórica, respectivamente, *Sobre el sepelio en Galicia de Sancho I de León* onde aduz, através de elementos bem concatenados,

que Sancho I morreu no regresso a León da sua viagem à Galiza e jaz na igreja da capital do seu reino ao lado dos seus maiores; e o ensaio *Hermógio, suposto bispo de Tuy desde 915 a 925*, bem documentado, onde conclui que Hermógio nunca foi bispo da cidade raiana.

Ainda no domínio da História, Garcia Alvarez realiza uma investigação cuidada procurando responder à interrogação: *La Reina Velasquita. Nieta de Mumiadomna Diaz?*

Em 1962, Bouza-Brey colabora mais uma vez, agora focando *El grabador gallego Luis de la Piedra (1769-18..) y su presencia en Portugal*.

Família de artistas a deste gravador que deixou obra de qualidade sendo alguma geradora de controvérsia. Neste trabalho referenciam-se vários canteiros que trabalharam em templos de Guimarães e do concelho.

Em 1963, Manuel Chamoso Lamas escreve um valioso trabalho *Sobre el Arquitecto Fernando de Casas y su viaje a Portugal*.

Entre muitos outros trabalhos, deve-se a este arquitecto a sua intervenção na monumental fachada principal da catedral compostelana e a jóia que é a Capela da Virgem do Pilar, no mesmo templo.

Mas as relações de intercâmbio cultural entre a Galiza e a Sociedade Martins Sarmento não se confinam a este notabilíssimo conjunto de trabalhos de investigação que a Revista de Guimarães guarda, qual relicário de tesouros acumulados ao longo de muitas décadas.

Em 28 de Março de 1935, chegou a Guimarães uma das mais notáveis embaixadas da Galiza que alguma vez visitou estas terras de Entre-Douro-e-Minho.

Constituíam-na os participantes de uma Semana Cultural que se realizou no Norte de Portugal e cujo quinto dia de programa foi inteiramente dedicado a Guimarães.

Recebidos na Câmara Municipal foram ali saudados pelo Presidente da Autarquia, respondendo-lhe, em seguida, o Presidente do Seminário de Estudos Galegos (SEG), Professor Catedrático D. Luís Iglésias, que terminou o seu vibrante discurso com estas palavras: *A Galiza ama Portugal – porque os dois povos são elos da mesma cadeia, projecção do mesmo sentimento*.

Junto ao monumento a Martins Sarmento uma senhora galega depositou um ramo de flores e D. Sebastião Gonzalez referiu o esforço gigantesco de Martins Sarmento nos estudos de investigação histórica

e arqueológica afirmando que foram as suas luzes que forneceram directrizes para os trabalhos deste género.

Recebidos na SMS, foram saudados pelo Presidente da Instituição, Capitão Mário Cardoso. Agradeceu o jovem Director da Secção de Literatura do SEG D. Xosé Filgueira Valverde. Este, depois de afirmar que ele e os seus companheiros se sentiam desvanecidos por se encontrarem no berço da nacionalidade portuguesa, prestou homenagem a Martins sarmiento grande sábio investigador, dizendo que a cultura lhe ficou devendo serviços inapreciáveis que conquistaram para ele o respeito e o reconhecimento dos galegos.

E concluiu: *A irmandade dos dois povos resiste a tudo, é superior a tudo porque aquece a chama espiritual duma cultura comum.*

A presidir ao almoço de homenagem à embaixada viam-se, além dos responsáveis portugueses, D. Luís Iglésias, D. Alfonso Castelao e D. Vicente Risco.

No final, e em resposta aos oradores portugueses, falaram D. Luís Iglésias, D. Alfonso Castelao, cujo discurso foi um enternecido e fulgurante hino de amor à terra, D. Otero Pedrayo e D. Pedret Casado. Além das personalidades citadas, estiveram ainda na Sociedade Martins Sarmiento D. Isidro Parga, D. Niceto Charro, D. Frederico Maciñeira, Xesús Carro, D. Francisco Fernandez del Riego, etc.

Como contraponto desta participação viva da Galiza, assistimos, nos dois últimos anos, na SMS, a uma preocupação de natural aproximação com as gentes da Galiza.

De facto, em Maio de 1991, realizou-se uma Semana das Letras Galegas em que foi apresentada uma bem documentada Exposição de livros galegos, acompanhada de um belo conjunto de serigrafias referentes à comemoração do Dia das Letras Galegas.

Logo após a inauguração da Exposição, realizou-se um colóquio onde intervieram o Prof. Catedrático Xesús Alonso Montero e o Jornalista devotado estudioso da problemática galega, José Viale Moutinho.

Ainda no decorrer do mesmo ano foi assinalado o Centenário da Morte de Antero de Quental com a participação dos mais destacados investigadores e estudiosos da Obra do Poeta e Pensador.

Uma vez mais a Galiza esteve presente e ainda pela intervenção lúcida e fulgurante de um dos seus mais notáveis filhos, Alonso Montero, que falou sobre *O Poeta Curros Enríquez tradutor de Antero de Quental*. Neste caso verificou-se o apoio da Xunta de Galicia.



**casadesarmiento**

centro de estudos do património

Ainda em Dezembro do mesmo ano foi realizada na nossa sede o lançamento de um livro contendo os trabalhos premiados no “Certame Nacional Galego de Narracions Breves Modesto R: Figueiredo” da Fundación do Pedrón de Ouro, na presença dos Presidentes da Câmara de Guimarães, Fundación do Pedrón de Ouro e da SMS:

Em Maio de 1992 uma Delegação da SMS participou na Casa de Rosalia à Homenagem prestada pela Fundación do Pedrón de Ouro ao Prof. Xesús Alonso Montero. Do convívio que então se estabeleceu, criaram-se novas condições de relacionamento e intercâmbio.

Realço a disponibilidade de um velho amigo da SMS e destacado colaborador da Revista de Guimarães, D. Antonio Fraguas Fraguas.

Em Junho do mesmo ano, teve lugar uma expressiva jornada de aproximação Minho-Galaica com uma homenagem a esse notável homem de cultura que foi Luís Seoane. Com a presença da viuva do artista e poeta, D. Maruxa Seoane, o perfil do ilustre galego foi traçado com rigor e brilhantismo por Alonso Montero e Siro López, sendo a sessão marcada pela apresentação dessa obra prima editorial que são os *Autos de Gil Vicente* ilustrados por Luís Seoane.

Noite inesquecível.

Já no decorrer deste ano de 1993, em Fevereiro, realizou-se o *Seminário de Cultura Popular do Noroeste Peninsular*, integrado no plano de comemorações do Centenário de Alberto Vieira Braga. A participação da Galiza neste Seminário deveu-se ao empenhamento de D. Antón Fraguas Fraguas e ao apoio prestigioso do Consello de Cultura Galego cujo Presidente, D. Xosé Filgueira Valverde, é um velho amigo da nossa Instituição e que esteve representado pelo Prof. D. José Manuel Gonzalez Reboredo que apresentou a comunicação *Rituais do Ciclo Vital e Espacialidade Matrimonial em Comunidades da Galícia Oriental*.

Participaram no mesmo Seminário, os Profs. D. Francisco Calo Lourido, D. Xosé Fidalgo Santamariña e D. Antonio Fraguas Fraguas que abordaram, respectivamente, os seguintes temas: *Nacemento e desenrolo das Comunidades Marineiras, Saberes Naturais dos Campesiños da Riveira Sacra Ourésan: Exemplo das Profesiões Ambulantes e Variantes de alguns contos*.

A presença da SMS neste III Congresso Gallaecia visa, no essencial, mostrar a disponibilidade de uma centenária Instituição científica para a intensificação de relações com a Galiza viva, procurando preservar e robustecer as suas raízes históricas, etnográficas, arqueológicas,



**casadesarmento**  
centro de estudos do património

antropológicas, em suma, culturais, que se embebem em húmus comum.

E termino como comecei, invocando agora D. Dinis, o poeta:

*Ai flores, ai flores do verde pino  
Se saberdes novas do meu amigo!  
Ai Deus, e u é?*

Que bela interrogação posta no coração da Galiza, sabendo que encontra eco do outro lado do Minho.